

O IDÍLIO COMO NEGAÇÃO DOS CONFLITOS

THE IDYLL AS A DENIAL OF CONFLICTS

Lucas Fernando Gonçalves 

lucas.mineirin@hotmail.com
<https://orcid.org/0009-0006-2853-556X>
Universidade de Brasília



Dossiê

**Epistemologia do romance:
diálogos e aproximações teóricas**

Organizadores:

Profa. Dra. Ana Paula A. Caixeta



Profa. Dra. Maria V. Barroso



Prof. Dr. Itamar R. Paulino



v. 32, n. 63, dezembro, 2023

Brasília, DF

ISSN 1982-9701



Fluxo da Submissão

Submetido em: 06/04/2023

Aprovado em: 21/08/2023

Distribuído sob



Resumo/Abstract

Palavras-chave/Keywords

O presente artigo tem como objetivo apresentar o conceito de idílio como conceito ontológico na perspectiva teórica da Epistemologia do Romance. Para a Epistemologia do Romance, a palavra idílio no presente estudo é associada ao pensamento de Milan Kundera acerca do que ele chama de ocultação dos conflitos e nostalgia do paraíso bíblico. Conclui-se que o idílio é uma falsa harmonia em busca de sensação de paz e fim da tragédia nas relações humanas.

Idílio; Literatura contemporânea; Milan Kundera.

This article aims to present the concept of idyll as an ontological concept in the theoretical perspective of the Epistemology of Romance. For the Epistemology of Romance, the word idyll in the present study is associated with Milan Kundera's thought about what he calls the concealment of conflicts and nostalgia for the biblical paradise. It is concluded that the idyll is a false harmony in search of a sense of peace and the end of tragedy in human relationships.

Contemporary literature; Idyll; Milan Kundera.

1. Introdução

O idílio é um tema existencial kunderiano. No conjunto de obra de Milan Kundera, podemos afirmar que a sua prosa romanesca se nutre dos aspectos idílicos que compõem a poética de seus romances. Em *A Cortina*, Kundera assume que “os conceitos estéticos só começaram a me interessar no momento em que percebi suas raízes existenciais” (KUNDERA, 2006, p. 98). Portanto, ao realizar escolhas estéticas como temas para a sua obra, Kundera compreende-os “como conceitos existenciais” (KUNDERA, 2006, p. 98). No artigo *Don Juan e os Paradoxos da Modernidade: estudo epistemológico sobre a ficção kunderiana*, de Wilton Barroso e Maria Veralice Barroso, é salientado que:

A expressão idílio é recorrente na escrita de Milan Kundera e, de modo geral, poder-se-ia afirmar que o termo idílio é embrionário da poética e da prosa kunderiana e se nutriu das conturbadas experiências do escritor que demonstrou capacidade peculiar em observar e pensar o contexto presente no qual vivia enquanto sujeito (BARROSO; BARROSO, 2018, p. 42).

Na perspectiva da Epistemologia do Romance, o tema do idílio é o eixo central da obra literária de Kundera. Uma invariante que toma diferentes formas estéticas sutis. Sendo assim, o idílio é tematizado em toda a obra do autor. Em *Geografia do Romance*, Carlos Fuentes afirma que os personagens de Milan Kundera giram em torno desse dilema:

[...] ser ou não ser no sistema de idílio total, do idílio para todos, sem exceção nem fissuras, idílio precisamente porque já não

admite nada nem ninguém que ponha em dúvida o direito de todos à felicidade numa Arcádia única, paraíso da origem e paraíso do futuro (FUENTES, 2007, p. 117).

A forma romanesca kunderiana, segundo Carlos Fuentes, apresenta este aspecto idílico através dos diferentes egos experimentais kunderianos. Os seus personagens buscam a todo o momento a felicidade. Portanto, idílio é sinônimo de felicidade perene e de leveza. O tema do idílio na obra de Kundera faz-se presente nas mais variadas formas estéticas, dentre elas o *don juanismo* e o *kitsch*.

Compreendendo que os romances de Kundera são variantes deste mesmo tema, o próprio Kundera observa que “todos os romancistas só escrevem, talvez, uma espécie de *tema* com variações” (KUNDERA, 2016, P. 136). Em nossa perspectiva epistemológica do romance, o idílio é uma escolha intencional de Kundera que se desdobra em seus trabalhos literários.

De acordo com a tradição literária ocidental, define-se a “idílio” como um poema pastoral pequeno e pitoresco, cuja etimologia pode ser localizada no termo latino *idyllium*, originado do grego *eidylleion*. Titulamos de idílio, também, a “totalidade do mundo, em que os homens e a natureza são conformados pelo espaço” (CUNHA, 1994, p. 135). Em seu dicionário de conceitos literários, Massaud Moisés descreve que, “primitivamente o termo idílio designava todo poema curto de vários assuntos” (MOISÉS, 2004, p. 223). Traçando um percurso histórico do termo, ainda conforme Moisés, desde o poeta grego Teócrito o termo passou a ser abrangido como “sinônimo de poesia pastoril” (MOISÉS, 2004, p. 223). No transcorrer de sua acepção dicionarizada, Moisés avigorrará que, fundando-se substancialmente no embate entre a cidade e o campo, o idílio vinculava-se, nos seus primórdios, ao *locus amoenus*¹, à exposição da Natureza como o lugar ideal para se viver. O escritor brasileiro Silviano Santiago, no romance Machado (2016), afirma que o *locus*

1 Lugar agradável.

amoenus é onde as pessoas “desconhecem enfermidades e sofrimento. Vivem em condição idílica” (SANTIAGO, 2016, p. 377). Utopia de um oásis, um espaço natural adequado a uma idade de ouro, a uma Arcádia², tornou-se, com a era cristã, uma espécie de paraíso perdido, o Éden antes da serpente.

No livro *Verbetes da Epistemologia do Romance*, Herisson Fernandes detalha os desdobramentos históricos do significado de idílio:

Idílio: do grego εἰδύλλιον, τό – curto poema descritivo, que em sua maioria lida com temas pastorais. Considera-se Teócrito, poeta grego, um dos responsáveis por dar o formato tradicionalmente aceito à concepção de idílio. A poesia romana retoma tais ideias e formas, como em Virgílio com suas *Éclogas*. O estilo chega à modernidade, e como consequência, demonstra um conflito entre um sujeito que não pode mais apreender a completude de sua realidade, e uma noção idealizada de natureza. Conflito esse que permeia, por exemplo, as tentativas épicas e idílicas dos poemas de Goethe. Hegel demarca a impossibilidade da existência de uma poesia verdadeiramente épica na modernidade, por conta das condições de vida da modernidade, e acredita ser o romance a forma capaz de abarcar a “ordem prosaica” da realidade moderna. Tal relação culmina no pensamento kunderiano de ser o idílio uma busca utópica por se viver uma situação de ausência de conflito. A Epistemologia do Romance parte da noção kunderiana de idílio, mas ultrapassando-a, pensa o idílico como uma situação de ocultação e anulação de questões relevantes para se pensar o humano. Tal ocultação deixaria de guiar o indivíduo ao conhecimento de si, do outro, e da própria condição (FERNANDES, 2019, p. 89-90).

Em sua origem, os poemas idílicos não se restringiam a temáticas pastorais e bucólicas, pois transportavam desde temas comuns a composições mais extensas como elegias e épi-

cos (FERNANDES, 2019). A compreensão, habitualmente, aceita dar-se por decorrência dos célebres poemas idílios de temática campestre escrito pelo poeta grego Teócrito (310 – 250 a. C.). As poesias de Teócrito foram responsáveis por constituir os atributos do gênero idílico, em termos de forma quanto de conteúdo.

A essência da forma idílica alicerça-se dentro dos termos propostos pela definição de Carlos Ceia:

O cenário de um idílio obriga à idealização da vida campestre e ao elogio permanente dos seus atributos. O ideal de vida campestre assegura uma paz de espírito e uma serenidade de comportamento que muitos poetas não resistem a cantar, criando cenários mágicos e recorrendo a uma retórica recheada de figuras de pensamento e de linguagem (CEIA, 2009, p. 48).

Estas composições serviram de inspiração para a versão romana dos idílios, a *Écloga*, que tem sua expressão mais famosa com as *Bucólicas* do poeta latino Virgílio (70 a. C. – 19 a. C.) (FERNANDES, 2019). Seja nos versos latinos, ou na escrita romântica, não foram poucos os poetas que se inspiraram nas composições de Teócrito e Virgílio, especialmente na literatura portuguesa e de língua espanhola, a partir do século XVII até o Romantismo Alemão. Dentre eles, destaca-se Johann Wolfgang von Goethe (1749 – 1832) como grande cultivador do estilo. Segundo Kundera:

IDÍLIO. Palavra raramente utilizada na França, mas que era um importante conceito para Hegel, Goethe, Schiller: o estado do mundo antes do primeiro conflito; ou, fora dos conflitos; ou, com conflitos que não passam de mal-entendidos, por conseguinte falsos conflitos. “Embora sua vida fosse extremamente variada, o quadragenário era no fundo um idílico” (A vida está em outro

2 Arcádia é uma região do Peloponeso na Grécia. O nome ficou associado, na literatura, às belezas do campo e da vida bucólica.

lugar). O desejo de conciliar a aventura erótica com o idílio é a própria essência do hedonismo – e a razão pela qual o ideal hedonista é inacessível ao homem (KUNDERA, 2016, p. 133).

Na perspectiva kunderiana, conforme afirmado em *A Arte do Romance*, o idílio sugere o ideal de um mundo aconchegado e unificado em torno dos desejos, gostos e vontades de todos. O ideal idílico seria, assim, conduzido de perto, segundo o autor, pelo viés do sentimentalismo que diretamente incide sobre os sujeitos líricos. Com Goethe, segundo Kundera, temos uma poética do idílio em forma de ideal da felicidade.

No primeiro capítulo do livro *Não se Esqueça de viver: Goethe e a tradição dos exercícios espirituais*, de Pierre Hadot (1922 – 2010), há um subcapítulo com o título: *Idílica Arcádia*, em que o autor apresenta o idílio em Goethe como ideal da serenidade.

Então o espírito não olha nem para frente, nem para trás. Só o presente é nossa felicidade.” Quando, no Fausto II, o herói de Goethe pronuncia essas palavras, parece haver alcançado o ponto culminante de sua “busca da mais elevada existência (HADOT, 2019, p. 13).

Goethe compreende, segundo Hadot, que o ápice da vida humana esteja na cessação dos sofrimentos. Fausto sente haver “no presente a única felicidade” (HADOT, 2019, p. 23) e que, por isso, não é preciso ficar preso às decepções ou nostalgias do passado, como também é desnecessário qualquer temor perante o futuro. Desse modo, “toda a Arcádia descrita por Fausto é permeada por uma vida harmoniosa e pura” (HADOT, 2019, p. 24). É neste aspecto goetheano da harmonia, como apelo à felicidade, que Kundera entende como busca idílica:

O poema Hermann und Dorothea de Goethe, escrito entre 1796 e 1797, é tido como

um dos ápices modernos de uma construção de poema idílico, como sublinhado pelo estudioso H.J. Schueler, em *The German Verse Epic in the Nineteenth and Twentieth Centuries* (1967, p. 36). A retomada do idílio de Goethe mostra-se importante na medida em que revela uma faceta que nos parece central no pensamento kunderiano acerca do tema: o significado da ideia idílica para o indivíduo moderno (FERNANDES, 2019, p. 91).

Tanto na perspectiva goetheana como também kunderiana, o idílio não se restringe à forma estética dos poemas curtos de teor bucólico, pois o cerne do espírito idílico é a sensação espiritual de paz, serenidade e equilíbrio das paixões. Portanto, na filosofia grega, principalmente no período helênico, o idílio é considerado, por ambos, como arte de ser feliz, compreendendo a felicidade como realização do espírito harmônico.

É sob esse aspecto da Arcádia idílica, dessa era de ouro, que Goethe imaginava a vida antiga, e essa pintura da liberdade da Arcádia, que é igualmente a descrição de um estado interior, nos permite vislumbrar uma das direções em que se orienta a afirmação goetheana do instante presente no mundo antigo (HADOT, 2019, p. 24).

Hadot observa que “essa representação idílica da Grécia antiga” (HADOT, 2019, p. 24) é, na verdade, uma idealização do autor de *Fausto*, pois “essa representação idílica da alegria espontânea e da saúde gregas não corresponde, de fato, à realidade histórica” (HADOT, 2019, p. 27). Isto significa que “o homem antigo era tão inquieto e angustiado quanto o homem moderno. Como nós, carregava o fardo do passado, as preocupações e esperanças do futuro, o temor da morte” (HADOT, 2019, p. 27). O ponto de convergência de Goethe com os filósofos helênicos é a crença na promessa do idílio, de que realmente haja, em algum momento da vida, a plenitude da felicidade. Semelhante à Goethe, Kundera também retoma à Grécia Antiga para tratar do idílio em sua literatura, mas

não com a mesma crença do poeta romântico. Pelo contrário, Kundera trata com ironia o pensamento hedonista de Epicuro, por exemplo. Em seu romance *A Lentidão*, ironiza a filosofia que teoriza acerca da felicidade, tornando cômico o absurdo filosófico que pretende dar fim ao sofrimento humano.

2. Epicuro: Filósofo da Felicidade

O romance *A Lentidão* dialoga com o pensamento epicurista tendo em vista o debate do prazer em uma época em que tudo é rápido, a compreensão de que “a velocidade é a forma do êxtase que a revolução técnica deu de presente ao homem” (KUNDERA, 2011, p. 7-8) do século XX, e que o narrador kunderiano se pergunta “porque o prazer da lentidão desapareceu?” (KUNDERA, 2011, p. 08). No final do livro, conclui-se que: “nessa lentidão, creio que reconhecer uma marca de felicidade” (KUNDERA, 2011, p. 104). A narrativa do romance faz uma viagem ao tempo e lembra a lentidão em que ocorriam as conquistas amorosas no século XVIII.

No *serio ludere* kunderiano, temos como eixo o tema do idílio, o qual se evidencia no momento em que a obra apresenta as perspectivas de felicidade através da filosofia hedonista de Epicuro:

Epicuro, o primeiro grande teórico do prazer, entendeu a vida de um modo extremamente cético: sente prazer aquele que não sofre. É o sofrimento, portanto, que é a noção fundamental do hedonismo: somos felizes na medida em que sabemos afastar o sofrimento; e como os prazeres trazem muitas vezes a mais infelicidade do que felicidade, Epicuro não recomenda senão os prazeres modestos e prudentes (KUNDERA, 2011, p. 11).

A concepção kunderiana de que Epicuro foi o primeiro pensador a esboçar um tra-

tado acerca do prazer converge com o estudo de Pierre Hadot em *O Que é Filosofia Antiga?* (1999):

Para Epicuro, a escolha socrática e platônica em favor do amor do Bem é uma ilusão: na realidade, o indivíduo é movido apenas pela procura de seu prazer e de seu interesse. No entanto, o papel da filosofia consistirá em saber procurar o prazer de maneira racional, isto é, em procurar o único prazer verdadeiro, o puro prazer de existir, pois toda a infelicidade, toda a pena dos homens provém de que eles ignoram o verdadeiro prazer (HADOT, 2017, p. 171).

Este ideal epicurista pelo fim dos sofrimentos, ao ter moderação dos desejos e prazeres, é o que Kundera chamará de idílio tendo em vista que o paraíso idílico se sustenta na idealização, mesmo que racional, de uma vida sem sofrimentos. Dessa forma, a recomendação epicurista de serem realizados os prazeres de modo modesto é o que caracterizará o aspecto idílico como sinônimo de harmonia. O próprio filósofo exorta na *Carta a Meneceu*: “é necessário cuidar das coisas que trazem a felicidade” (EPICURO, 2002, p. 23) e, para isso, fará prescrições de teor ético aos seus discípulos. Pierre Hadot caracterizará a filosofia de Epicuro como práticas de exercícios espirituais em que a base para a realização da felicidade epicurista esteja num ideal ascético de virtude. Ao mesmo tempo, Hadot salienta que “o epicurismo é, antes de tudo, uma terapêutica da angústia” (HADOT, 2019, p. 30) e, conseqüentemente, se pretende ser um remédio que faça curar e interromper as dores da alma humana: “A missão de Epicuro será, antes de tudo, terapêutica: será necessário curar a doença da alma e ensinar o homem a viver o prazer” (HADOT, 2017, p. 171). É, neste sentido, que a narrativa kunderiana compreende que,

[...] a sabedoria epicurista tem um fundo melancólico: atirado à miséria do mundo, o homem constata que o único valor evidente e seguro é o prazer, mesmo pequeno, que ele

próprio pode sentir: um gole de água fresca, um olhar para o céu (para as janelas de Deus) uma carícia (KUNDERA, 2011, p. 11).

Quando a narrativa kunderiana afirma que o pensamento epicurista é melancólico, estamos diante do narrador que pensa e dialoga com o conteúdo narrado. Nesse romance, há uma digressão ensaística ao ponto do narrador kunderiano se posicionar e afirmar: “duvido que o ideal hedonista possa realizar; receio que a vida que ele nos recomenda não seja compatível com a natureza humana” (KUNDERA, 2011, p. 11), concluindo que o idílio epicurista é, na verdade, um desespero utópico.

É necessário destacar a observação de Hadot ao dizer que o epicurismo compreende o “estado de prazer estável e de equilíbrio corresponde também a um estado de tranquilidade da alma e ausência de perturbação” (HADOT, 2017, p. 173). É, neste ponto, que o narrador kunderiano ironiza o idílio de modo de geral, pois a obra romanesca de Kundera brinca e joga os personagens em diferentes conflitos que fazem por desestabilizá-los e desequilibrá-los.

Entretanto, as narrativas de Kundera apresentam diferentes formas estéticas em que o idílio se configura em seus egos experimentais. Não significa resumir a essência do idílio como uma forma filosófica da época dos helênicos, mas como já afirmado antes: o idílio como tema existencial da obra romanesca kunderiana e estetizado em diferentes características, pois o idílio, segundo Fuentes, é o que constitui a racionalidade estética de toda a obra de Kundera.

3. Eixo Estético da Obra Kunderiana

É a partir de uma compreensão interpretativa que Carlos Fuentes assevera que a palavra idílio se constitui em um verdadeiro escândalo que perpassa toda a obra romanesca do amigo tcheco Milan Kundera: “Idílio é o nome

do vento terrível, constante e atrevido que atravessa as páginas dos livros de Milan Kundera. É a primeira coisa que devemos entender” (FUENTES, 2007, p. 115). Trata-se o eixo central da estética kunderiana. O idílio aparece na literatura de Kundera como uma tentativa ontológica de justificar a existência humana que tenta dar sentido à vida e amparo ao viver. Segundo Fuentes,

Os personagens de Kundera giram em torno deste dilema: ser ou não ser no sistema do idílio total, do idílio para todos, sem exceções nem fissuras, idílio precisamente porque já não admite nada nem ninguém que ponha em dúvida o direito de todos à felicidade numa Arcádia única, paraíso de origem e paraíso do futuro? Não só idílio, sublinha Kundera em um de seus contos, mas idílio para todos (FUENTES, 2007, p. 118).

Fuentes está citando uma passagem da obra *O Livro do Riso e do Esquecimento* em que o narrador argumenta uma espécie de ditadura da felicidade como verdade absoluta e que ninguém tem o direito de negar ser feliz. O idílio inicia-se como vontade de poder ser feliz com serenidade e, depois, torna-se uma imposição e sistema para que todos vivam numa mesma civilização idílica, onde não haja contrariedades e diferenças individuais em que ocasione conflitos na comunidade do paraíso idílico.

Sublinho: idílio e para todos, pois **todos os seres humanos aspiram desde sempre ao idílio**, a esse jardim em que cantam os rouxinóis, a **esse reino da harmonia** em que o mundo não coloca como um estranho contra o homem, e o homem contra os outros, mas em que, ao contrário, o mundo e todos os homens são moldados numa única e mesma matéria. Lá cada um é uma nota de uma sublime fuga de Bach, e quem não quer ser uma nota torna-se um ponto negro inútil e destituído de sentido, que basta apanhar e esmagar sob a unha como uma pulga (KUNDERA, 2008, p. 15, grifos nossos).

O idílio constitui-se no ideal de um mundo paradisíaco onde reinam o acordo e a felicidade e de uma esperança que “leva a reconquistar o passado harmonioso da origem e que nos promete a perfeita beatitude do porvir se confundem em um só, o movimento da história” (FUENTES, 2007, p. 115). Esta memória idílica advém do mito bíblico do livro do Gênesis em que temos a narrativa do paraíso como símbolo teológico da harmonia. Na *SÉTIMA PARTE: O sorriso de Kariênin*, de *A Insustentável Leveza do Ser*, esclarece a origem mitológica do idílio:

Nós, que fomos educados na mitologia do Antigo Testamento, poderíamos dizer que **o idílio é uma imagem que ficou conosco como uma lembrança do Paraíso**. A vida no Paraíso não era semelhante ao caminho em linha reta que nos leva ao desconhecido, não era uma aventura. **Ela se deslocava em círculos, entre coisas conhecidas**. Sua monotonia não era feita de tédios mas de felicidade (KUNDERA, 2017, 315, grifos nossos).

A citação acima apresenta a perspectiva do idílio como arquétipo³ nostálgico de uma recordação paradisíaca já vivida no início da humanidade. O romance, *O Livro do Riso do Esquecimento*, na *TERCEIRA PARTE: Os Anjos*, apresenta o símbolo do círculo como sinônimo de um sistema fechado em que não há flexibilidade de abertura: “Foi então que compreendi o significado mágico do círculo. Quando nos afastamos da fila, ainda podemos voltar a ela. A fila é uma formação aberta. Mas o círculo torna a se fechar e o deixamos sem poder retornar” (KUNDERA, 2008, p. 81). A concepção kunderiana de idílio é de um círculo/sistema fechado. O paraíso idílico não tem flexibilidade e abertura para o diferente e polifônico, pois não há reconhecimento de individualidade. É o lugar do coletivo e da negação da subjetividade: “No Paraíso, quando se debru-

çava na fonte, Adão ainda não sabia que aquele que via era ele próprio” (KUNDERA, 2017, 316). O primeiro homem da humanidade, diz Kundera, foi incapaz de captar o seu próprio eu. Adão compreendia a si mesmo como totalidade do paraíso.

Mas, com a entrada do pecado original, gerou o conflito entre Deus e o Homem. Origem de toda desarmonia humana. *A Insustentável Leveza do Ser* aponta para o primeiro conflito da humanidade: “Ao expulsar o homem do Paraíso, Deus lhe revelou a sua natureza” (KUNDERA, 2016, p. 265) de sofrimento, dores, insatisfações existenciais e culpas emocionais.

Adão me leva à ideia de que no Paraíso o homem não era ainda o homem. Mais exatamente: o homem não tinha ainda se lançado na trajetória do homem. Nós outros já nos lançamos nela há muito tempo e estamos voando no vazio de um tempo que segue em linha reta. Mas existe ainda em nós um fino cordão umbilical que nos liga a um distante e nebuloso Paraíso, no qual Adão se debruça na fonte, e, ao contrário de Narciso, não suspeita que a pálida mancha amarela que vê aparecer seja ele. **A nostalgia do Paraíso é o desejo do homem de não ser homem** (KUNDERA, 2017, p. 316, grifos nossos).

A estética do idílio mitológico do Éden apresenta a beleza harmônica de humanos sem conflitos. A nostalgia do retorno ao paraíso é a vontade humana de se desumanizar de todos os aspectos sombrios, desagradáveis, pecaminosos que lhes fazem parte. É a esperança esteticamente espiritual pela própria salvação de se tornar perfeito como Deus. O que fundamenta o idílio é, antes de tudo, a negação da tragédia em nome de uma vida serena e harmônico.

Kundera e Fuentes afirmam que restou à humanidade a lembrança deste lugar uterino, acolhedor e seguro em que representa a ideia de

3 O termo “arquétipo” teve suas origens na Grécia antiga. É composto pelas palavras *archein* que significa “original ou velho” e *typos* que significa “padrão, modelo ou tipo”. O significado combinado é “padrão original” do qual todas as outras pessoas similares, objetos ou conceitos são derivados, copiados, modelados ou emulados. Kundera afirma a impossibilidade de se escapar do tema do arquétipo como estrutura estética romanesca: “arquétipo da forma, do qual não posso escapar” (KUNDERA, 2016, p. 78).

paraíso: “a nostalgia do que fomos” (FUENTES, 2007, p. 115) e que é retomado como “esperança do que seremos” (FUENTES, 2007, p. 115) por meio de utopias que realizem “o plano de um mundo inteiramente novo onde todos encontrariam seu lugar” (KUNDERA, 2008, p. 15). O idílio é uma ilusão que não quer explicitar que é irreal, então os sonhos idílicos são “autoenganos” ou “mentiras sociais”. A obra de Kundera trata desta aparência do idílio como algo que brota da própria ontologia humana, pois é o ser buscando segurança que lhe sustente existencialmente, um amparo nas idealizações de felicidade, serenidade, harmonia e verdade universal. Os seus egos experimentais exprimem, através do desejo idílico, o espírito de conservação que os motivem a viver e permanecer vivos, sem o risco trágico de sucumbirem numa perturbada indagação de que a vida é sem sentido. Desse modo, a ilusão idílica se torna, segundo Kundera, a condição de sobrevivência do ser.

Para Nietzsche, o tema da verdade universal é um desejo de negação dos sofrimentos: “A produção da verdade procede, portanto, da tentativa de criar uma vida onde a mutação, a luta, a contradição, a dor não existam” (MOSÉ, 2018, p. 34). Kundera está de acordo com Nietzsche ao constatarem o aspecto niilista da verdade: “[...] a ideia de verdade é o centro da rede de valores que Nietzsche busca desautorizar em sua genealogia: não são as verdades que devem ser colocadas em questão, mas o próprio valor de verdade” (MOSÉ, 2018, p. 65).

Para Nietzsche, foi importante questionar os pressupostos que sustentavam a existência da verdade. Em seu entendimento, não há verdade, pois tudo advém da interpretação da vontade de potência. O que há, para Nietzsche, é uma vontade de verdade que criava as ilusões de que houvesse no mundo simetria, ordem e harmonia. O mesmo serve para Kundera ao reelaborar o tema da verdade, discutido por Nietzsche, mas com a perspectiva estética que fez elaborar as ilusões do idílio.

Para Nietzsche, “a verdade é uma ideia, uma construção do pensamento, ela tem história” (MOSÉ, 2018, p. 29) e, para Kundera, o idílio é uma idealização, uma construção humana e que tem origens mitológicas judaico-cristãs. Nietzsche compreende que “a verdade quer alguma coisa, e o que ela quer é um outro mundo, uma outra vida” (MOSÉ, 2018, p. 35). Segundo Kundera, os seres idílicos creem que a vida está em outro lugar.

Nietzsche afirma que “a vontade de verdade é apenas o desejo de encontrar-se em um mundo onde tudo permaneça” (MOSÉ, 2018, p. 135). De forma kunderiana, podemos compreender que o objetivo da ideia de idílio é, portanto, forjar essa verdade de que tudo é estável e imutável. Nietzsche está para a verdade assim como Kundera está para o idílio.

Em 1980, Kundera concede uma entrevista ao amigo escritor Philip Roth (1933 – 2018), publicada no livro *Entre Nós* (2001). Neste diálogo, Kundera afirma que a sua obra *O Livro do Riso e do Esquecimento* é “uma obra história inventada pelo autor com o fim de ilustrar uma tese” (KUNDERA, 2008, p. 108). Esse tema estético, escolhido pelo próprio autor tcheco, é central para *A Insustentável Leveza do Ser*, pois a “repetição é um artifício deliberado da parte do autor” (KUNDERA, 2016, p. 144). O tema do idílio, assim como a reflexão acerca do *kitsch*, repete-se em toda a sua obra.

A escrita kunderiana evolui no sentido de criar mecanismos capazes de lhe permitir narrar a ditadura do idílio como condição existencial dos sujeitos de seu tempo. Por meio da ação de seus egos experimentais, Kundera deixa ver que, apoiados pelos totalitarismos, os tentáculos dos ideais idílicos se estenderam aos universos individuais e sociais dos sujeitos por toda a modernidade (BARROSO, 2013).

As longas reflexões objetivas e metafóricas em torno do assunto, contidas dentro e fora das narrativas ficcionais, nos indicam que, na percepção kunderiana, o idílio não apenas convence, mas também, em nome da harmonia social, por exemplo, justifica qualquer barbárie (BARROSO, 2013).

O totalitarismo é não apenas o inferno mas também o sonho do paraíso – o sonho antiquíssimo de um mundo onde todo mundo vive em harmonia, todos unidos por uma única vontade e uma única fé, sem que ninguém guarde segredos. André Breton também sonhava com esse paraíso quando falava sobre a casa de vidro em que sonhava viver. Se o totalitarismo não explorasse esses arquétipos, que vivem no mais profundo de cada um de nós e têm raízes em todas as religiões, ele jamais conseguiria atrair tanta gente, principalmente nas primeiras fases de sua existência. Quando o sonho do paraíso começa a se transformar, porém, aqui e ali surgem pessoas que se transformam em obstáculos, e por isso os governantes do paraíso são obrigados a construir um pequeno gulag⁴ ao lado do Éden. Com o passar do tempo esse gulag vai ficando cada vez maior e mais perfeito, enquanto o paraíso ao lado vai ficando menor e mais pobre (KUNDERA, 2008, p. 105-106).

Na citação acima, temos o pensamento kunderiano sobre os aspectos sutis dos sistemas totalitários: “Os sonhos totalitários incendiaram a imaginação de várias gerações de jovens: diabolicamente, quando o idílio tinha seu céu” (FUENTES, 2008, p. 117). Este aspecto celeste da imaginação idílica tornou o sonho da harmonia de um mundo melhor em um sistema diabolicamente totalitário tendo em vista que há na crença dos regimes ditatoriais, ou fundamentalistas, a concepção metafísica de que estão realizando um bem para todos os seres humanos.

É a “sedução de uma doutrina que torna explícito o idílio” (FUENTES, 2008, p. 117). Compreende-se, portanto, a coletividade humana como sinônimo de família. Em *A Arte do Romance*, Kundera afirma:

A sociedade totalitária, sobretudo em suas

versões extremas, tende a abolir a fronteira entre o público e o particular; o poder, que se torna cada vez mais opaco, exige que a vida dos cidadãos seja transparente ao máximo. Esse ideal de vida sem segredo corresponde ao de uma família exemplar: um cidadão não tem o direito de dissimular o que quer que seja diante do Partido ou do Estado, do mesmo modo que uma criança não tem direito ao segredo perante seu pai ou sua mãe. As sociedades totalitárias, em sua propaganda, ostentam um sorriso **idílico: elas querem parecer uma “uma só grande família”** (KUNDERA, 2016, p. 114, grifos nossos).

Como garantia de conquista do idílio, as causas individuais precisam ser silenciadas em favor das causas coletivas. Por isso, há na atitude lírica uma necessidade de fundir a vida privada à vida pública. Em sua escrita, Kundera leva-nos a pensar que, se o idílio e o lirismo são próprios da condição humana, as contradições e os conflitos também o são. Seu grande problema é o problema do homem lírico que, buscando pelo idílio, não consegue lidar com as contradições que habitam em cada um de nós.

O idílio é uma promessa de felicidade que nutre e estabiliza a vida social no presente. Por sua vez, o lirismo seria a atitude individual que procura sustentar os ideais idílicos, compreendendo que “a noção de lirismo não se limita a um ramo da literatura (a poesia lírica), mas designa certa maneira de ser” (KUNDERA, 2006, p. 84), um modo de ser em que o indivíduo se torna transparente. Perdendo seu aspecto de privacidade para tornar a própria intimidade em transparência pública.

Kundera deixa ver que, sustentados pelo lirismo, os tentáculos dos ideais idílicos se estenderam aos universos individuais e sociais dos sujeitos por toda a modernidade. Como partes da condição humana, o idílio e o lirismo são anteriores à modernidade.

4 Gulag era um sistema de campos de trabalhos forçados para criminosos, presos políticos e qualquer cidadão em geral que se opusesse ao regime na União Soviética. Antes da Revolução, o Gulag chamava-se Katorga, e aplicava exatamente a mes-

Considerações Finais

Em conformidade com a descrição feita por Kundera, entendemos que, enquanto conceituação geral, poder-se-ia dizer que a imagem desse mundo totalitário do idílio é alimentada pela ausência de criticidade, pelo otimismo e pelas ingenuidades do homem lírico (BARROSO, 2013).

O sujeito acredita no idílio totalitário, pois idealiza o totalitarismo como conquista da comunhão humanitária em que se construirá uma única comunidade humana e que todos da mesma sociedade viverão em unidade harmônica, como “símbolo de uma vida idílica e ideal” (KUNDERA, 2006, p. 124). Kundera compreende que “os tempos modernos cultivam o sonho de uma humanidade que, dividida em diferentes civilizações separadas, encontraria um dia a unidade e, com ela, a paz eterna” (KUNDERA, 2016, p. 18-19).

Este “símbolo sagrado do idílio” (KUNDERA, 2006, p. 124) idealiza “o véu do idílio atirado sobre o real” (KUNDERA, 2016, p. 130), mas Kundera reivindica que “apenas o romance soube descobrir o imenso poder do fútil” (KUNDERA, 2006, p. 27). Isto significa que a obra romanesca é capaz de fazer pensar os aspectos sutis em que é realizado o idílio como imposição de regime de uma única verdade. Desse modo, tanto “o capitalismo e o comunismo compartilham a visão do mundo como veículo para essa meta que se confunde como a felicidade” (FUENTES, 2008, p. 116).

A crítica de Kundera aos regimes totalitários advém do contexto histórico de seu país.

A história da Tchecoslováquia é tão breve e extrema como disse Hobsbawm ter sido a história do século XX. Criada como país após a Primeira Guerra Mundial, em 1918, com a dissolução do Império austro-húngaro a Tchecoslováquia subsiste até 1989. Nesse curto espaço de existência, o país no qual Kundera nascera esteve sob o domínio dos nazistas de 1938 até fins da

Segunda Guerra Mundial, quando foi libertado pelos russos. Em 1948 o poder político no país passou aos domínios do comunismo soviético, que em 1968 entrou com as forças armadas na capital para pôr fim ao movimento que ficaria conhecido como “A Primavera de Parga” (BARROSO, 2013, p. 43).

Durante os anos 50, o autor tcheco é obrigado a interromper os seus estudos por conta de perseguição política. Neste período, Kundera e o seu amigo escritor Jan Trefulka (1929 – 2012) foram expulsos do Partido Comunista Tcheco acusados de serem ativistas contrários aos lemas do partido. Trefulka descreveu o incidente em uma de suas novelas, já Kundera usou a situação como “inspiração” para o tema principal de seu primeiro romance, *A Brincadeira*. Em 1956, porém, Kundera foi readmitido no Partido Comunista. Em 1970, foi novamente expulso. Kundera, assim como outros artistas tchecos como Václav Havel (1936 – 2011), envolveu-se na Primavera de Praga de 1968. O período de otimismo, como se sabe, foi destruído no agosto do mesmo ano pela invasão do exército soviética devido ao Pacto de Varsóvia na Tchecoslováquia.

Kundera e Havel tentaram acalmar a população e organizar um levante reformista frente ao totalitarismo comunista da União Soviética. Milan Kundera permaneceu neste intento até desistir definitivamente, no ano de 1975, ao se exilar na França (BARROSO, 2013). É importante ressaltar que, nos sistemas totalitários, é comum a busca por outro lugar seguro: “durante esses tempos negros, nada mais natural do que procurar um canto para fugir. De um lado, o horror; do outro, o refúgio” (KUNDERA, 2013, p. 38). Não necessariamente que esta fuga de Kundera fosse a confirmação pessoal de que haveria fora dos conflitos políticos de seu país a concretização do paraíso terrestre. Em *O Livro do Riso do Esquecimento*, a narrativa trata da fuga como negação do idílio:

Há pessoas que logo compreenderam que não tinham o temperamento necessário

para o idílio e quiseram partir para o estrangeiro. Mas, como o idílio é essencialmente um mundo para todos, os que desejavam emigrar se revelaram negadores do idílio e, em vez de irem para o estrangeiro, foram para trás das grades (KUNDERA, 2008, p. 15-16, grifos nossos).

Em qualquer modelo, a realização do idílio é sempre uma promessa para o futuro, mas “o futuro não tem nada de real” (KUNDERA, 2013, p. 41), pois tem caráter utópico e, portanto, idílico.

No totalitarismo comunista, regime político com o qual Kundera dialoga mais de perto, a felicidade será, como nos deixa ver em *O Livro do Riso e do Esquecimento*, fruto da construção coletiva de uma sociedade harmônica e feliz, onde os homens se encontram unidos em torno dos mesmos ideais. Ali, também para quem nega o idílio, conta o narrador, resta a tortura atrás das grades.

No romance, ironiza o paraíso prometido pelos regimes comunistas, tendo em vista o caráter da consolidação da violência para a realização sistêmica do idílio. O narrador observa que negar o direito de seus cidadãos migrarem do próprio país faz com que se imponham punições rígidas. Entretanto, Kundera também deixa a entender ironicamente, em *Um Encontro*, de 2013, que esta fuga do sistema totalitário possa dar aos exilados uma vida com menos conflitos e, por isso, se transforma numa possível idealização paradisíaca que tente negar a condição conflituosa que é a vida humana e que por isso “o idílio que eles estavam vivendo era filho do horror; do horror escondido, mas sempre presente rondando. Eis o *paradoxo demoníaco* (...), quanto mais cruel é a história, mais belo parece o mundo do refúgio” (KUNDERA, 2013, p. 38-39).

A utopia de que possa haver uma vida melhor em outro lugar é o que caracteriza o idílio não ser somente uma questão política, mas algo que perpassa por outras esferas institucionais. Portanto, o idílio é a crença de haver uma metafísica do supremo bem que se carac-

terize como verdade universal. Na *Arte do Romance*, Kundera comenta que “o homem deseja um mundo onde o bem e o mal sejam nitidamente discerníveis, pois existe, nele, a vontade inata e indomável de julgar antes de compreender. Sobre essa vontade estão fundadas as religiões e as ideologias” (KUNDERA, 2016, p. 15). Sendo assim, as obras kunderianas não têm como pretensão estética focalizarem os dramas políticos vividos pelos seus personagens, pois isto seria reduzir a complexidade da vida humana.

Mas o caráter da sociedade moderna reforça monstruosamente essa maldição: a vida do homem está reduzida a sua função social; a história de um povo, a alguns acontecimentos, que por sua vez são reduzidos a uma interpretação tendenciosa; a vida social está reduzida à luta política (KUNDERA, 2016, p. 24-25).

Kundera não realiza romances políticos, pois compreende que “toda a história política contemporânea seria desde então vista e vivida como o combate entre o bem e o mal” (KUNDERA, 2006, p. 104); ao passo que “o olhar do romancista enxerga de outro modo” (KUNDERA, 2006, p.105) já que “o espírito do romance é o espírito de complexidade. Cada romance diz ao leitor: “as coisas são mais complicadas do que você pensa” (KUNDERA, 2016, p. 26) e, que por isso, não é inteligente reduzir a vida humana a questões meramente políticas.

Além disso, “o romance é incompatível com o universo totalitário” (KUNDERA, 2016, p. 21) de sistemas políticos, pois, “a verdade totalitária exclui a relatividade, a dúvida, a interrogação, ela jamais pode, portanto se conciliar com o que eu chamaria o *espírito do romance*” (KUNDERA, 2016, p. 22). Inicialmente, poder-se-ia afirmar que a ideia de idílio em que atua esteticamente Kundera está fundada em uma perspectiva de homogeneização do pensamento, das verdades e das vontades: “O escândalo, a verdade insuspeita, é esta que ouvimos

da boca de Milan Kundera: o totalitarismo é um idílio” (FUENTES, 2008, p. 115). Kundera deixa ver que as existências humanas ao longo da história estiveram condicionadas à ditadura do idílio, concluindo que o totalitarismo é também um idílio.

O totalitarismo é um idílio porque a atitude totalitária, seja ela qual for, sustenta-se em uma verdade que se quer universal. Kundera diz no ensaio *Um Encontro*: “os tempos modernos cultivam o sonho de uma humanidade que, dividida em diferentes civilizações separadas, encontraria um dia a unidade e, com ela, a paz eterna” (KUNDERA, 2016, p. 18-19). Sendo assim, o totalitarismo desconhece ou rejeita tudo que destoe dessa verdade, tudo que a ela não esteja em harmonia, enfim, tudo que a ela se contraponha. Na percepção idílica, são impensadas as alteridades, bem como o disforme, o desarmônico, o polifônico ou a contradição. Desse modo, o próprio idílio transforma-se em uma atitude totalitária.

De outra maneira, entende-se que, a partir da imagem do idílio, Kundera transforma circunstâncias históricas em condição existencial de muitas de suas personagens. O romancista ironiza a crença no idílio e a insistência em conservar uma atitude lírica. Sobre a crença no idílio, paradoxalmente, elas são também objeto de riso.

Referências

BARROSO, Maria. *A obra romanesca de Milan Kundera: um projeto estético conduzido pela ação do Don Juan*. Tese/Disponível em: <<http://epistemologidoromance.blogspot.com.br/>> Acesso em: 10 de setembro de 2015.

_____. *O Idílio como espaço de intersecção entre literatura e filosofia na obra de Milan Kundera*. *Revista Brasileira de Literatura Comparada* v.18 n. 31, 2017. Disponível

em: <<http://revista.abralic.org.br/index.php/revista/article/view/413/410>> Acesso em setembro de 2017.

BARROSO, Wilton. *Elementos para uma Epistemologia do Romance*. Artigo/Disponível em: <<http://epistemologidoromance.blogspot.com.br/>> Acesso em: 5 de setembro de 2014.

_____. *Os Sonâmbulos, de Broch e a metamorfose do romance*. In: _____. *Pensamento intruso: Jean-Luc & Jacques Derrida*. Org. Piero Eyben. Vinhedo: Ed. Horizonte, 2014. p. 288-296.

BARROSO, W.; BARROSO, M. V. *Epistemologia do Romance: uma proposta metodológica possível para a análise do romance literário*. 2015. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/0B3rYBdIpwpzbeHV6cFpHWkF5Yms/view>> Acesso em setembro de 2017.

BARROSO, W.; BARROSO, M. V. (Org.) *Estudos Epistemológicos do Romance*. Brasília: Verbená: 2018

CEIA, C. *E-dicionário de termos literários*. Disponível em <<http://edtl.fesh.unl.pt/encyclopedia/idilio/>> Acesso em: 12 dez. 2018.

CUNHA. Amar, *Verbo Intransitivo: Um Romance de Formação às Avessas*. Disponível em <<https://seer.ufrgs.br/organon/article/view/39223>> Acessado em: 31 janeiro 2020.

EPICURO. *Carta Sobre a Felicidade*. Tradução de Lorencini. São Paulo: Unesp, 2002.

FERNANDES, Herisson Cardoso. *Elementos para uma Ontologia do Romance: um estudo sobre a arte do romance de Kundera*. Dissertação/Disponível em: <<http://epistemologidoromance.blogspot.com.br/>> Acesso em: 5 de setembro de 2019.

FUENTES, Carlos. *Geografia do Romance*. Tradução de Carlos Nougué. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

HADOT, Pierre. *Não se Esqueça de Viver: Goethe e a tradição dos exercícios espirituais*. Tradução de Lara Christina. São Paulo: É Realizações, 2019.

_____. *Exercícios Espirituais e Filosofia Antiga*. Tradução de Loraine Oliveira. São Paulo: É Realizações, 2002.

_____. *O Que é Filosofia Antiga?*. Tradução de Dion Davi. São Paulo: Loyola, 2017.

KUNDERA, Milan. *A Arte do Romance*. Tradução de Teresa Bulhões Carvalho. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2016.

_____. *O livro do riso e do esquecimento*. Tradução Teresa Bulhões Carvalho. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

_____. *A Brincadeira*. Tradução de Teresa Bulhões Carvalho. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

_____. *A Insustentável Leveza do Ser*. Tradução Teresa Bulhões Carvalho. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

_____. *A vida está em outro lugar*. Tradução Teresa Bulhões Carvalho. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

_____. *A identidade*. Tradução Teresa Bulhões Carvalho. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. *A ignorância*. Tradução Teresa Bulhões Carvalho. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

_____. *A Imortalidade*. Tradução Teresa Bulhões Carvalho. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

_____. *Um Encontro*. Tradução Teresa Bulhões Carvalho. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

_____. *A Cortina*. Tradução Teresa Bulhões Carvalho. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

_____. *A Lentidão*. Tradução Teresa Bulhões Carvalho. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. *Os Testamentos Traídos*. Tradução Teresa Bulhões Carvalho. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

MOISÉS, M. *A criação literária: poesia e prosa*. São Paulo: Cultrix, 2012

MOSÉ, Viviane. *Nietzsche e a Grande Política da Linguagem*. Petrópolis, RJ: Vozes.

ROTH, Philip. *Milan Kundera*. In. *Entre Nós*. Tradução de Paulo Henrique Britto. SP: Companhia das Letras, 2008.

COMO CITAR

GONÇALVES, L. F. O idílio como negação dos conflitos. *Revista Cerrados*, 32(63), pp. 59-71. 2023. <https://doi.org/10.26512/cerrados.v32i63.48009>